

A ESCRITURA FEITA INICIAÇÃO FEMININA: CLARICE LISPECTOR E VIRGINIA WOOLF

Ana Luiza Andrade

Harvard University

A função dos gêneros masculino e feminino dentro da produção literária moderna tem sido apresentada por várias escritoras e de várias maneiras. De fato, existe uma literatura de gênero que, ao invés de ser redundantemente feminista no sentido de tratar do problema feminino isoladamente, refere-se antes aos inter-relacionamentos literários entre o masculino e o feminino. Neste tipo de produção literária, a voz da mulher manifesta-se de maneira diferente da do homem, trata-se da voz feminina com uma literatura que lhe é própria, que reclama seus direitos e que tem seus próprios ritos (“writes, rights and rites”, na versão inglesa, têm inclusive a mesma pronúncia).

Apesar de diferenças históricas e culturais, Virginia Woolf e Clarice Lispector inserem-se neste tipo de produção literária em que o diálogo entre o homem e a mulher se enfoca em diferentes percepções do mundo, o que resulta num similar processo escritural. Tanto para Lispector quanto para Woolf, o mundo se apresenta como domínio masculino. A originalidade de ambas resulta do surgimento de uma voz feminina fundamental que exerce papel decisivo no desenvolvimento da literatura moderna.

A interação masculino/feminino se mostra particularmente interessante em dois textos representativos das duas autoras em questão: o conto “A Apresentação” em *Mrs. Dalloway's Party* (1) de

(1) — Virginia Woolf, “The Introduction”, em *Mrs. Dalloway's Party* (Harvest/Harcourt Brace Jovanovich: New York, 1973). A versão portuguesa utilizada foi “A Apresentação”, em *Uma Casa Assombrada*, trad. José Antonio Arantes (Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984), p. 195.

Virginia Woolf e o conto “Preciosidade” em *Laços de Família* (2) de Clarice Lispector. Uma análise desses textos mostra não só que Clarice Lispector desenvolve uma perspectiva feminina introduzida na literatura por Virginia Woolf, mas principalmente, que a vê de um modo mais crítico.

Virginia Woolf tentou aproximar-se mais da vida através de sua literatura, isto parece ponto pacífico para a maioria de seus críticos. John Hawley Roberts observa a importância do duplo papel que representam as emoções e o intelecto, o sentir e o perceber em sua obra. A duplicidade de Virginia Woolf entre uma percepção mental e física expressa-se na interação masculino/feminino (3).

Como bem demonstrou Benedito Nunes, no caso de Clarice Lispector, a linguagem se auto-representa, no sentido em que é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de sua ficção (4). A linguagem de Clarice é uma tentativa mais direta de captar a vida pois além de conciliar o sentir e o perceber no sentido aludido a Virginia Woolf, a interação masculino/feminino se auto-representa no desenrolar do próprio drama linguístico de seu processo escritural.

A análise intertextual dos contos acima citados procurará mostrar que o conflito entre um ritual feminino privado e um ritual feminino público representa o relacionamento das autoras com a linguagem e o ato de escrever em termos de interação masculino/feminino. Ambos os textos tratam dos ritos de iniciação femininos, o primeiro contato de uma menina com o mundo masculino e sua nova identidade como mulher. Nesta iniciação fica implícito o surgimento da mulher com a sua própria voz literária, seus próprios direitos e seus próprios ritos. Os textos unem o processo de escrever ao processo de transpor um estágio liminar que, em ambos os casos, é manifestado pela violação masculina tanto de forma intelectual como de forma física.

No entanto há uma diferença de cenário importante nesses textos, o que demonstra um contraste radical entre a técnica de es-

(2) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, em *Laços de Família*, (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1974)

(3) — John Hawley Roberts, “Vision and Desing”, em *Critics on Virginia Woolf*, Readings on Literary Criticism, ed. by Jacqueline E. M. Latham, (University of Miami Press: Florida, 1970), p. 68.

(4) — Benedito Nunes, *Leitura de Clarice Lispector*, (Edições Quiron: São Paulo, 1973), p. 38.

crever como representação de Virginia Woolf e a dramatização da linguagem de Clarice Lispector. O cenário de “A Apresentação” de Virginia Woolf é uma festa, palco artificial sem qualquer relação com a individualidade da personagem. O conto de Clarice Lispector se passa num ambiente público e urbano, que não só evidencia o anonimato da personagem como também o ameaça.

“A Apresentação” é a estória de Lily Everit, desde a infância à juventude, seu percurso a partir de um ambiente familiar e protegido, à festa de Mrs. Dalloway. Como o próprio título diz, trata-se de “début” de Lily Everit, sua primeira apresentação formal à sociedade. Conhecendo os talentos intelectuais de Lily Everit (ela acabava de receber um “Excelente” num ensaio sobre Swift), Mrs. Dalloway resolve apresentá-la a Bob Brinsley, um jovem estudante de Oxford. O ato de atravessar a sala seguindo Mrs. Dalloway significa uma passagem ritualística que altera a percepção que Lily tem do mundo. As expectativas sobre o mundo masculino entram em conflito com suas impressões reais sobre a festa como uma convenção social. Ao revelar seu interesse literário ao jovem de Oxford, este pisa casualmente numa mosca, esmagando-a com o pé. Este ato de violência aparentemente insignificante, provoca em Lily uma forte aversão e seu ensaio sobre Swift torna-se mentalmente manchado de sangue, não obstante seu reconhecimento da “sólida realização masculina” (5). Lily reconhece internamente que a civilização depende dela, e isto coincide com a observação de um convidado da festa de que, “como todos os Everit, ela dava a impressão de suportar nos ombros todo o peso do mundo” (6).

“A Apresentação” é a iniciação pública de Lily, sua primeira exposição a um mundo mais amplo, uma civilização feita pelos homens. Do orgulho de ter escrito um bom ensaio sobre Swift, Lily se conscientiza, aos poucos, da insignificância de seu trabalho, quando comparado à literatura datada dos tempos de Shakespeare. A arrogância e a pretensão de poder exibida por Bob Brinsley ao matar a mosca imediatamente associada à sua própria insignificância, impele-a a buscar um passado literário que não dependa da aprovação dos homens.

Sua iniciação é um processo de mudança que a afeta como mulher, como futura escritora e como pessoa. Como mulher, rejeita o papel social que lhe é imposto pela atmosfera artificial e conven-

(5) — Virginia Woolf, “A Apresentação”, p. 199.

(6) — Virginia Woolf, “A Apresentação”, p. 202.

cional da festa. Como futura escritora, perde a fé na tradição literária masculina porque considera esta negligência acidental como um desprezo à vida. Como pessoa, sente-se só e responsável por esse desprezo.

A iniciação de Lily Everit como mulher está intimamente ligada à sua introdução num mundo cuja civilização e tradição literária são inteiramente masculinas e que representam, pois, o mundo social da literatura. A mudança da personagem no que se relaciona ao seu ensaio sobre Swift, reflete de modo muito claro a projeção autobiográfica da autora de *A Room of One's Own* sobre as mulheres e sobre o ato de escrever (7). O desprezo de Bob Brinsley por seu ensaio é recebido como uma violação intelectual, como um lacre de sangue autenticando a aprovação masculina sobre a escritura feminina. E é neste sentido que o “ensaio manchado de sangue” aparece em sua mente como sinal da perda da inocência.

Passando por diferentes estágios, os sentimentos de Lily Everit com relação ao seu ensaio correspondem as diferentes impressões sobre a festa como acontecimento social e literário. A medida em que a atmosfera da festa a inibe e a domina, ela vai se conscientizando de sua incapacidade para registrar suas impressões. Estas lhe parecem “coisas que diminuíam e aumentavam” e seu próprio ensaio “fracassa” em sua incapacidade de registrar impressões objetivas da vida.

Virginia Woolf mostra, através da duplicidade da personagem entre o sentir e o perceber, o contraste entre o ritual público, no caso a festa como acontecimento social; e o ritual particular, a iniciação de Lily, que é um mundo à parte, isolado e crítico. E é através dessa perspectiva crítica e particular que Lily percebe o poder e a fama do mundo masculino. Contrastado ao mundo feminino, frágil e limitado, mas apesar de tudo sensível, o mundo masculino é um mundo de títulos — como “deão” Swift —, de construções magníficas — como a Abadia de Westminster —, de escritores famosos — como Shakespeare, Shelley, Swift.

A autora enfatiza as desproporções entre os dois mundos, o masculino e o feminino, a partir do desabrochamento de Lily como escritora: enquanto a tradição literária masculina é publicamente reconhecida, a voz de Lily não tem importância. A arrogância im-

(7) — Virginia Woolf, *A Room of One's Own*, (Harcourt, Brace & World, Inc.: New York, 1957), p. 79.

prevista de Bob Brinsley ao livrar-se da mosca, leva Lily a identificar-se totalmente à vida precária do pequenino inseto, reconhecendo que ela própria poderia ser meramente uma fonte provocadora de irritação a ser eliminada por um espontâneo gesto impensado. A arrogância masculina cresce e torna-se patente quando a personagem realmente percebe Bob Brinsley tirando as asas do inseto morto; Lily então protege-se para não ser mutilada: “e então tentou acocorar-se e encolher-se e dobrar as asas mantendo-as coladas às costas” (8).

A vividez do ponto de vista feminino de Lily se registra a partir da mudança de suas impressões: entre as antigas e as novas impressões, Lily procura retificar a diferença de proporção como se estivesse a corrigir a própria escritura durante o seu processo.

“Alerta, espiando ao redor, Lily Everit escondeu insintivamente esse seu ensaio, tão envergonhada se sentia agora, e tão aturdida também. Mas, pé ante pé, todavia, tinha de acertar o foco e por nas devidas proporções (as anteriores revelavam-se flagrantemente erradas) aquelas coisas que diminuíam e aumentavam (como poderia chamá-las? pessoas — impressões das vidas das pessoas?) e que pareciam ameaçar sobrelevá-la” (9).

Por um lado, suas impressões anteriores sobre o ato de escrever representam um conhecimento adquirido a partir das leituras e não da vida. Por outro lado, suas impressões da festa são registradas a partir da experiência, à medida em que estão sendo percebidas, pela primeira vez, diretamente da vida.

Como uma jovem escritora, as impressões de Lily através da estória podem ser lidas como se fossem seu primeiro ensaio. Ao desabrochar como escritora, o seu ensaio não é só a sua iniciação no mundo social literário, mas também representa a iniciação de uma voz feminina na escritura. A referência de Virginia Woolf a Swift não é gratuita: o jogo que o autor faz sobre o problema da desproporção é bem conhecido em sua paródia épica *As Viagens de Gulliver*. O humor em Swift deriva da estranheza provocada por um ser confundido com um inseto na cena em que Gulliver é tido como um anão num reino de gigantes. Na estória de Virginia Woolf a identificação da personagem com o inseto inverte a intenção paró-

(8) — Virginia Woolf, “A Apresentação”, p. 202.

(9) — Virginia Woolf, “A Apresentação”, p. 196.

dica original swiftiana. Parodiando Swift, a autora apropria-se da técnica da escritura masculina visando atingir suas finalidades femininas.

Em sua paródia, Virginia Woolf mostra as desproporções reais existentes entre a pequenez do mundo feminino e a grandeza do mundo masculino. Aos olhos de Lily Everit, aquele pequeno fato acidental — a morte da mosca —, adquire um significado gigantesco à medida em que revela a brutalidade de uma civilização masculina em seu desdém pela vida. Finalmente, Virginia Woolf transcende com admirável maestria os reinos gigantescos e minúsculos de Swift, em sua percepção feminina das verdadeiras desproporções entre homem e mulher, entre um “eu” público e um “eu” particular, entre o sentir e o perceber, entre os ensaios literários e os fatos da vida.

Antes de passar à análise do conto de Clarice Lispector, torna-se inevitável mencionar que tanto Virginia Woolf como Clarice Lispector demonstraram um visível interesse pelos insetos. No conto de Virginia Woolf “The Death of the Moth” (10), o inseto adquire características femininas quando o “seu corpo frágil e diminuto” que “não mais possui a não se vida” por contraste, encerra em si “enorme energia”. A agonia da mosca representa o problema da escritora: “o esforço gigantesco de uma insignificante mosquinha contra um poder de tal magnitude, para reter o que a ninguém importava ou desejava guardar, era estranhamente comovedor” (11).

Enquanto para Virginia Woolf a agonia da mosca é uma alegoria no sentido de representar a energia vital e criativa da escritura feminina, para Clarice Lispector, em *A Paixão Segundo GH*, a experiência do confronto entre a narradora e a barata apresenta menos implicações alegóricas e mais participação ativa. Como em “The Death of the Moth” a mulher no romance de Lispector sente-se estranhamente afetada ao ver o inseto e através desta identificação procede a uma viagem à procura de si mesma. Neste romance, o inseto provoca um colapso total da estrutura vivencial da narradora. Em *Laços de Família*, de acordo com a Prof. Terry L. Palls, “aparecem moscas em diversas estórias, e elas parecem representar a intrusão persistente e indesejável do mundo exterior em um

(10) — Virginia Woolf, “The Death of the Moth”, em *The Death of the Moth and Other Stories*, (Harcourt Brace Jovanovich: New York, 1942)

(11) — Virginia Woolf, “The Death of the Moth”

território fechado e aparentemente seguro” (12) Excepcionalmente e “Preciosidade” o nascimento da mulher é comparado ao nascimento de um inseto, como acontece a uma larva, seu primeiro estado ao sair do ovo. Neste sentido, Clarice Lispector parece ressuscitar a mosca morta do texto de Virginia Woolf.

Na verdade este texto de Clarice Lispector muito se assemelha ao texto de Virginia Woolf. A debutante anônima de Lispector passa pelo mesmo processo de iniciação de Lily Everit, principalmente quando o mundo exterior masculino violenta o mundo interno, sagrado e dantes imaculado de uma jovem adolescente. Na estória de Clarice Lispector, semelhantemente à de Virginia Woolf, a temática é a da mulher e da escritora, abordada de modo diferente por cada uma delas: em “A Apresentação” Lily Everit desabrocha a partir de sua própria rejeição da tradição literária masculina, ao passo que em “Preciosidade” a mulher escritora desabrocha a partir de sua coragem em superar o medo do anonimato e confrontar-se com a possibilidade da iminente violação.

“Preciosidade” relata o dia-a-dia de uma menina de dezesseis anos cujas atividades limitam-se a ir para a escola e voltar para casa. Um dia esta rotina anônima, interior e “preciosa” é interrompida quando a menina é violentada a caminho da escola. Neste conto, a suspensão da rotina é dada no preciso momento em que se anuncia o momento da violação, momento em que o ruído dos saltos dos sapatos da menina se intensificam, fazendo-se ouvir contra a calçada, sinal de que ela se conscientiza de que é percebida pelo mundo, perdendo sua qualidade de ser “preciosa”, perdendo seu anonimato. A grande ironia final é justamente que em vez de relatar o fato à família, ela o esconde e pede um novo par de sapatos sem saltos de madeira.

A violação é física, porém imprecisa quanto ao seu caráter, que poderia ser um estupro, mas que se vela precisamente na referência metafórica à brutalidade do mundo masculino em relação à escritura: “O que se seguiu foram quatro mãos difíceis, foram quatro mãos que não sabiam o que queriam, quatro mãos erradas de quem não tinha a vocação, quatro mãos que a tocam tão inesperadamente que ela fêz a coisa mais certa que poderia ter feito no mundo dos movimentos: ficou paralisada” (13). A linguagem de

(12) — Terry L. Palls, “The Miracle of the Ordinary: Literary Epiphany in Virginia Woolf and Clarice Lispector” em *Luzo-Brazilian Review*, vol. 21, nº 1, Summer, 1984, p. 71.

(13) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 104.

Clarice Lispector desliga-se do enredo sobre a violação da menina na associação metafórica que se liga ao “dom” da menina, à sua “grande vocação para um destino” contrastados à falta de vocação das mãos masculinas que a violentaram.

O conto capta, através das mudanças interiores da menina em relação ao mundo exterior, o processo da perda da inocência como parte de um processo de crescimento. Ao início os limites entre a personagem e o mundo se expressam numa série de projeções, numa série de máscaras ou papéis atrás dos quais a personagem se esconde do mundo, dependendo da hora do dia: no ônibus, ela é uma “missionária séria” para evitar os olhares dos homens que “poderiam lhe dizer alguma coisa” (14). Na escola, ela é uma intelectual e portanto é tratada como rapaz, aprendendo “a pensar de modo que ninguém tinha a coragem” (15). Nas ruas ela tinha o “andar de soldado” e atravessava, perante os colegas da escola, o “corredor interminável como a um silêncio de trincheira” “Proibitiva, ela os impedia de pensar” (16).

Trata-se de uma “introdução” ao mundo e *no* mundo, que envolve não só a perda da inocência como também o ato de expor-se, o inevitável ato de tornar-se vulnerável, necessário à sua evolução tanto como mulher como quanto como escritora. A monotonia da vida anônima de uma estudante que é literalmente invisível no meio da multidão das ruas do Rio de Janeiro, em suas idas e vindas da escola, destaca-se o fato de que esta invisibilidade é por ela procurada devido a sua educação: tal anonimato é tido como sinônimo de virtude. Do contrário, estaria se arriscando a “ser um ela-mesma que a tradição não amparava” (17). Sua principal obsessão é o medo de ser “vista”, o medo de ser reconhecida como indivíduo. Rompe-se esta barreira quando ela é realmente percebida como pessoa e atacada pelos homens. Ela está consciente do que pode acontecer, mas, ao invés de fugir prefere enfrentar os agressores. O ato de tornar-se vulnerável a faz sofrer mas no entanto ela supera o medo e aprende que os atacantes também sentem medo, um medo que ela havia aprendido a sentir e estava de fato sentindo. Este ato de emergir, de tanto reconhecer como ser reconhecida — não como debutante em Bloomsbury —, mas como pedestre das ruas selvagens e predatórias do Rio, é essencialmente o que constitui a sua perda de inocência como mulher e como indivíduo.

(14) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 96.

(15) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 99.

(16) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 98.

(17) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 103.

A um nível a narrativa trata da conquista da individualidade pela mulher. A outro, é uma abordagem sobre a escritura, não só o desabrochar de uma escritora mas a cristalização do que está escrito. A narrativa pode inclusive ser interpretada como uma parábola sobre o processo pelo qual alguém se torna escritor. O potencial — “a preciosidade” — existe na pessoa como se fora uma jóia oculta por névoas desconhecidas:

“mas por dentro da magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação. E dentro da nebulosidade algo precioso. Que não se espreguiçava, não se comprometia, não se contaminava. Que era intenso como uma jóia. Ela” (18).

Na verdade, o confronto é com o medo de revelar-se através da escritura, através da própria erupção de palavras. Inerente a esta introdução, esta exposição pública da jóia, está o potencial para a violação, para o estupro. Sem este ato de coragem — esse ato de compromisso da pena com o papel —, aquele potencial pode não existir: “Se toda a sua lenta preparação tinha o destino ignorado a que ela, por culto tinha que aderir, como recuar, e depois nunca mais esquecer a vergonha de ter esperado em miséria atrás de uma porta?” (19).

Desta forma, o estupro torna-se iniciação à individualidade e a autoridade como ato criativo. Entretanto, Clarice Lispector reconhece esta violação brutal apenas como o primeiro passo para a transformação do indivíduo e do autor. E é neste sentido de imaturidade que a menina nasce, menina-moça, como uma larva, da experiência do estupro. A maturidade é alcançada misteriosamente, durante o tempo, à soma de seus componentes, de sua lenta condensação para o todo, para a unidade, ao invés de serem criados por qualquer justaposição lógica: “A grande espera fazia parte. Dentro da vastidão, maquinando” (20).

Com relação ao ato de escrever, a narrativa pode também ser interpretada como uma metáfora do próprio ato de criação: o germe de uma estória através de algum conflito interno que se desenvolve na própria obra de arte. Em ambos os sentidos trata-se do mundo interior do escritor. A um nível, “Preciosidade” é a estória do

(18) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 95.

(19) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 102.

(20) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 101.

escritor no útero, ou, a outro nível, o ato de escrever ainda em fase de gestação. Neste caso, ilustra os dizeres do poeta: “como uma virgem inconsciente de sua virgindade até o momento de sua perda, o inocente nada sabe da inocência” Esta iniciação descreve em retrospectiva a perda da inocência de Lispector e sua transformação, a partir da sua “preciosidade” ou do ovo — em um “pássaro de fogo” (21).

O processo em gestação do ato de escrever não é precisamente um processo autobiográfico como é o caso do processo que se efetua no texto de Virginia Woolf. Antes disso, trata-se do que a própria Clarice Lispector exprimiu como “bio” (22), isto é, um processo de evolução, parecido com o da vida, mas que não se relaciona só ao processo de gerar palavras como também ao impulso comum e vital que o escritor/escritora oferece à sociedade.

Não obstante, o que caracteriza a ficção de Lispector é a palpabilidade de sua linguagem. Em “Preciosidade” o processo em gestação que caracteriza o ato de escrever se dramatiza na linguagem enquanto esta funciona como uma descrição física das impressões sensoriais. Por todo o texto se transmitem impressões auditivas, principalmente no momento do estupro: é então que a linguagem “emerge” do ruído dos tacos dos sapatos da personagem. Estes sons “falam”, convertem-se em palavras que indicam a passagem através da qual uma antiga idéia de vulnerabilidade — a dos calcanhares de Aquiles —, toma um novo significado.

Como novos signos, estes sons expressam a nova tomada de consciência da personagem a respeito deles serem agora públicos, a respeito do seu ritmo interno ter sido interrompido e do fato dela estar sendo de fato “ouvida” pelo mundo todo, desfazendo e ao mesmo tempo reforçando a idéia da “monótona geometria das grandes cerimônias públicas” (23). A linguagem adquire uma palpabilidade, um concretismo que desperta no leitor a sensação da experiência textual, tornando-o partícipe da mesma. Simultaneamente, essa passagem de ruído a linguagem significa também uma ruptura do ato de ouvir para o ato de falar, o que corresponde ao nascimento de uma voz feminina textual.

No ritual público de iniciação de Clarice Lispector, a brutalidade urbana adquire o impulso primitivo e instintivo perante o qual a mulher se torna mais vulnerável. Enquanto o seu processo

(21) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 108.

(22) — Clarice Lispector, *Água Viva*, (Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1979, p. 36.

(23) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 97

em gestação do ato de escrever une as tensões fronteiriças entre privacidade e notoriedade, invisibilidade e visibilidade, anonimato e reconhecimento, em sua iniciação o verdadeiro nascimento depende da exposição de sua vulnerabilidade às custas de um sacrifício, na exibição de seu ponto fraco, de sua “preciosidade” facilitando desta maneira, o ataque dos agressores.

A partir do exame destes textos — mesmo que um espaço de quase cinquenta anos separe as escritoras em questão —, observa-se nas duas escritoras um consenso e uma oposição subjacentes. Há um diálogo intertextual em que um texto interpenetra e completa o outro.

Os textos refletem a vida das suas autoras, tendo por base a luta e o desabrochar de suas vozes femininas. O tema de ambos é a iniciação: Woolf preocupa-se mais com a iniciação na sociedade ao passo que Lispector enfatiza a iniciação inerente ao ato de escrever. A primeira realça o problema dos direitos da mulher ao tornar-se escritora em uma civilização essencialmente construída e dominada por homens enquanto a segunda enfatiza o medo da escritora de desabrochar como tal, medo este relacionado à criação e expressão das palavras. A escritora inglesa nos fala do respeito relacionado ao fato de se conseguir chegar a um mundo literário criado por homens e, face a este respeito, a procura de aprovação para penetrar neste mundo; a escritora brasileira nos fala do medo de emitir um som, de possuir uma voz.

Estes sentimentos desiguais — o respeito em “A Apresentação” e o medo em “Preciosidade” —, resultam de um tema comum que é o confronto com o mundo, o qual, em ambos os casos, liga-se à temática do ato de escrever como vocação. No primeiro caso há um confronto homem/mulher que se mostra na impossibilidade da mulher escritora de depender da aprovação masculina. No segundo caso, a personagem enfrenta o medo de um acidente prestes a ocorrer e a coragem lhe é infundida precisamente pela vocação:

“Ela andava, ouvia os homens, já que não poderia olhá-los e já que precisava sabê-los. Ela os ouvia e surpreendia-se com a própria coragem em continuar. Mas não era coragem. Era o dom. E a grande vocação para um destino. Ela avançava, sofrendo em obedecer” (24)

(24) — Clarice Lispector, “Preciosidade”, p. 102.

Ao nível da estória, o confronto iminente expressa a aculturação feminina em um mundo violento, enquanto que ao nível da escritora, ele demonstra a vocação da escritora através da firmeza de sua convicção. Sua exposição a um ataque provável reflete a necessidade de ser vulnerável, de entregar-se à vulnerabilidade implícita de uma honestidade pessoal e pungente. Virginia Woolf, por outro lado, enfatiza a aprovação da mulher-escritora face ao respeito para com o mundo literário masculino. Como resultado, o escritor/escritora em “Preciosidade” expõe-se ao mundo exterior; em “A Apresentação” a escritora quer proteger-se do mundo exterior masculino e ao mesmo tempo procura a aprovação deste mesmo mundo.

Em ambos os textos o mundo exterior é projetado em cerimônias públicas. A festa, em Woolf, é uma cerimônia pública em que a apresentação social é um acontecimento previsível. Lispector apresenta um mundo hostil em toda a sua imprevisibilidade, escolhe a ritualização palpável da rotina pública diária das ruas onde a menina tem que estar consciente, situação esta patentemente em oposição à formalidade civilizada dos salões de Mrs. Dalloway. Ao mesmo tempo, é essa ritualização da rotina diária e sua ruptura que mostram o processo interno de produzir palavras em “Preciosidade” ao passo que em “A Apresentação” as impressões mentais de Lily são reproduzidas no seu novo texto como a iniciação da escritura na voz feminina.

Em ambos os textos há a perda da inocência feminina. No texto de Woolf existe um símbolo intelectual que se relaciona à perda da inocência da jovem escritora — o “ensaio manchado de sangue” —, ao passo que no texto de Lispector o estupro é físico e não mental, e representa o processo de gerar palavras. Contrastando mais uma vez com Woolf, Lispector considera a perda da inocência não só necessária mas decisiva para que seja possível a concepção e o nascimento das palavras.

Finalmente, ambos os textos exploram a mesma problemática de confronto entre o mundo exterior e o interior sob um ponto de vista comum que é o ato de escrever como vocação. As impressões mentais da personagem de Woolf mostram que há um mundo exterior de conhecimento onde o escrever é uma metáfora para o mundo interior. Em contraposição, Lispector apresenta um mundo de experiência que se metaforiza no mundo interno do escritor/escritora. Na metáfora implícita do texto woolfiano, há um confronto desenvolvido em base interna, ao passo que a metáfora

implícita do texto lispectoriano tem como base o discernimento procedente da experiência e não do conhecimento. E neste sentido que as estórias se contrapõem e se complementam: uma vertendo luz nas sombras dos interstícios da outra. Juntas, elas compõem o amplo panorama da mulher escritora em ação. Segundo Clarice Lispector, a escritora produz o texto; de acordo com Virginia Woolf a escritora e seu texto procuram um lugar no panteão construído pela sociedade, para o culto à literatura.